

***Gente fina* no ensino de Português do Brasil para estrangeiros (PBE): aspectos socioculturais e linguísticos**

Milena Máximo*

Norimar Júdice*

Introdução

Na área de ensino de PBE (Português do Brasil para Estrangeiros), um número considerável de estudos vem apontando, mais explicitamente ou menos, que os textos – de diferentes gêneros e tipos – devem nortear o processo de ensino/aprendizagem.

Dentre os textos que recorrem ao elemento icônico, os quadrinhos podem ser bastante proveitosos para o aprendiz de PBE. Na perspectiva de Júdice (2005, p. 40-43), isso ocorre pela universalidade do gênero e pela acessibilidade dos textos nele configurados, em virtude da semiose entre o verbal e o não-verbal.

A autora destaca características desse gênero que favorecem o trabalho de ensino de língua e cultura, como a articulação das imagens a falas, legendas e títulos e a presença, nas falas, de variações da língua-alvo relativas à região, idade, sexo, posição social, escolarização, contexto de interlocução etc. Destaque-se, ainda, o traçado dos balõezinhos, o recurso a diferentes tipos de caracteres, sinais de pontuação e elementos gráficos próprios desse gênero (espirais, estrelinhas etc.).

No ensino de PBE, as tirinhas de autores nacionais se prestam ao trabalho com variados aspectos sociolinguísticos e socioculturais brasileiros. Neste trabalho, enfocamos as tirinhas da série *Gente Fina* (doravante

* Mestre pela Universidade Federal Fluminense.

* Professora da graduação e da pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

GF), de Bruno Drummond¹, e sua possível contribuição para o ensino de PBE. Analisamos 99 tiras publicadas entre 2004 e 2006 (na revista *O GLOBO*) e reunidas em coletânea, de modo a realizar uma prospecção dos aspectos socioculturais e linguísticos em foco.² Tentamos, também, verificar sua aplicabilidade em atividades de leitura, relatando a experiência desenvolvida com duas tirinhas GF (cf. ANEXOS A e B) em aulas de PBE para estudantes em imersão no Rio de Janeiro.

Língua em uso

Consideramos, como Koch (2006), que os usos linguísticos na interação social têm como traço marcante a argumentatividade, conceito que expande os domínios da argumentação para além dos textos argumentativos *stricto sensu*. Koch (2006) observa que o indivíduo, por ser racional e ter vontade própria, é capaz de avaliar, julgar e criticar sua experiência no mundo. Sendo assim, é recorrendo ao discurso, definido pela autora como “ação verbal dotada de intencionalidade” (Koch, 2006, p. 17), que ele tenta influenciar o outro ou ganhar sua adesão de alguma forma. Portanto, argumentar – isto é, orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões – é parte constitutiva de qualquer ato linguístico.

A cultura condiciona e é condicionada pela língua, isto se observa nos discursos e na interação. Várias pesquisas da sociolinguística interacional evidenciam a interface entre convenções culturalmente aprendidas e usos linguísticos em interação social.

Garcez (2000, p. 504-508) apresenta sucintamente alguns desses trabalhos. Valor do silêncio, estruturas de participação, introdução de tópicos conversacionais, sua gestão e encadeamento, organização retórica, prosódia, ritmo e pausas são alguns dos domínios de variabilidade cultural que este pesquisador chama “fala-em-interação”.

Em relação aos usos linguísticos em contexto cultural brasileiro, especialmente carioca, Meyer (2004, 81-87) aponta alguns aspectos relevantes, mormente para alunos estrangeiros. Vejamos alguns exemplos: costuma-se evitar a palavra “não” em negações a convites, propostas ou expressão de opiniões. Elogios e agradecimentos, por sua vez, devem ser diretos e enfáticos, especialmente se feitos por mulheres. Quanto

¹ Nosso agradecimento a Bruno Drummond por autorizar a reprodução de duas tirinhas GF neste trabalho.

² Consideramos GF uma tirinha. Para explicações sobre esta categorização e análise mais abrangente do *corpus*, inclusive do componente visual, ver Máximo Pereira (2009).

à tomada de turno, não é obrigatório esperar o interlocutor terminar sua fala.

Meyer (2004) cita, ainda, a tríplice forma de tratamento no português carioca – “o senhor”, “você” e “tu” -, que pode ser ouvida em uma mesma interação entre os mesmos interlocutores. A flutuação do tratamento mais formal para o imediatamente menos formal (de “o senhor” para “você” e de “você” para “tu”) se dá quando se deseja estabelecer uma relação de maior proximidade e/ou cumplicidade com o interlocutor, o que pode ficar restrito a um determinado momento da interação.

Almeida Filho (2002, p. 210) e Meyer (2002, p. 206) recordam-nos que enunciados como “te ligo” e “passa lá em casa” são formas de polidez e, muitas vezes, não devem ser compreendidos “ao pé da letra”, pois são fórmulas para manifestar prazer diante da expectativa de rever ou falar com o interlocutor em outra ocasião.

Além disso, existem outros fatores que levam à variação linguística em grupos que partilham a mesma língua e consideram ter a mesma cultura. Tais aspectos podem ser de natureza geográfica, sociológica ou contextual (Pretti, 1982).

Ao analisarmos, em nosso *corpus*, os diálogos, recorreremos a noções apresentadas nesta seção.

Marcos temporal e espacial

GF inscreve-se na contemporaneidade ocidental, momento da história marcado por sucessivas transformações da condição humana - fortemente influenciada pelo avanço tecnológico, que otimiza o tempo, encurta distâncias, altera o processo de comunicação, estimula o individualismo, valoriza o novo, interfere nas formas de relacionamento e resulta no apagamento das instituições que, tradicionalmente, costumavam organizar a existência dos indivíduos, como Estado, comunidade e família.

Quanto ao marco espacial, predominam, em GF, representações do espaço urbano público (em 70 tirinhas), sendo cafés, bares e restaurantes os mais frequentes (em 37 tirinhas). Outros espaços públicos representados são praia (em 10 tirinhas), locais para atividades físicas (em 7 tirinhas) e discoteca (em 6 tirinhas).

Os participantes

Os participantes - 111 personagens masculinas e 105 femininas - enquadram-se em papéis sociais desempenhados em interações entre

amigos, casais, profissionais e familiares. Predominam as relações entre amigos ou conhecidos (em 59 tiras) e entre casais (em 40 tiras). Prevalecem, portanto, as interações informais.

Classe social e nível de escolaridade não parecem ser diferenciais entre as personagens, já que se retratam, mormente, a classe média e a média-alta. São relevantes, contudo, para o conjunto da série, que representa esse grupo social com humor e ironia.

Os temas, a caracterização física e psicológica, e as ações são típicos das classes média e média-alta carioca, escolarizada e residente especialmente na zona sul e Barra da Tijuca. Por exemplo, não há tiras sobre dificuldades financeiras; a roupa, especialmente, a feminina, é elegante para mulheres de cerca de 40 anos, que são representadas em bons restaurantes, ou segue as tendências da moda, no caso das mais jovens, que deixam o corpo mais descoberto; os exercícios físicos estão em foco em muitas tiras, o que sugere que as personagens tenham mais tempo e recursos para cuidar da aparência.

A maior parte das personagens parece representar adultos jovens, na faixa de idade entre 25 a 35 anos (em 55 tiras). Em seguida, vêm as representações de pessoas maduras, na faixa entre 40 e 50 anos (em 43 tiras).

Nota-se, assim, que se privilegia a representação de participantes jovens, de ambos os sexos, escolarizados, de classe média e média-alta do Rio de Janeiro, que interagem com amigos/conhecidos ou com seu par.

O universo cultural representado em *Gente fina*

Com base na concepção de cultura de Geertz (1989), acreditamos que os brasileiros partilham um conjunto de planos, regras e instruções, ao qual está ligado seu comportamento.

Almeida (2007), em obra que aborda, entre outros temas, igualdade, família, sexualidade, jeitinho e ética na sociedade brasileira, apresenta o Brasil como um bloco formado por dois países, que vivem em sistemas de valores distintos. Em um *Brasil arcaico*, estão as camadas de nível econômico e educacional mais baixos, que concentram a maior parte da população e defendem valores que tendem a se enfraquecer, ao passo que, em um *Brasil moderno*, as classes que se situam no pólo oposto, estão alinhadas com princípios sociais dominantes nos países desenvolvidos.

Parece-nos plausível associar o universo de GF ao Brasil moderno descrito por Almeida (2007), formado por uma fração de brasileiros

adultos de alta escolaridade (nível superior) e de maior poder aquisitivo, residentes em uma cidade do Sudeste. Como afirma Rodrigo (2000), as culturas são sempre pluriculturas e as diferenças de crenças, valores e modos de agir estão sempre presentes no seio de uma mesma comunidade de vida. Portanto, há variações, mesmo nessa fração do *Brasil moderno* representada por Drummond (2007).

Ao mostrar o universo carioca, o autor enfatiza temas ligados ao relacionamento amoroso (em 73 tiras), como conquistas, conflitos no casamento, traição etc. Além disso, elementos visuais e linguísticos ligados ao corpo também são relevantes na coletânea.

O componente linguístico em *Gente fina*

Passemos às observações sobre elementos linguísticos no *corpus*, levando em consideração, primeiramente, as tirinhas que tratam dos temas mais recorrentes.

O componente linguístico nas tiras que abordam relações amorosas e culto ao corpo

Citamos aqui a afirmação de Del Priore (2005, p. 321) de que hoje o assunto “sexo” não é mais tabu. Fala-se muito nisso e com vulgaridade. Em 35 tiras, há referência verbal ao ato sexual e/ou à atração sexual e, em 5 delas, a palavra “sexo” aparece. O termo “orgasmo” está presente em 1 tira.

O homem apenas interessado em sexo, sem se importar com os sentimentos da mulher, é chamado de “canalha” ou “cafajeste”. Por sua vez, a mulher de moral sexual “duvidosa”, que não hesita em ser a amante, é rotulada de “vagabunda”.

Em 2 tiras, é usado o verbo “transar”, que é o mais geral para designar relação sexual. Em muitos contextos, “transar” pode se opor a “fazer amor”, sendo concebido como o ato sexual pelo prazer apenas, não por vínculo afetivo. É justamente com esse sentido que é usado nas tiras em que um encontro no bar terminaria com uma relação sexual casual. Em 3 tiras, é empregado o verbo “pegar”, cuja acepção, ainda não dicionarizada, é usada especialmente por jovens e indica relação amorosa e/ou sexual sem compromisso.

Já os verbos “comer” e “dar” aparecem 1 e 2 vezes, respectivamente. Enquanto o primeiro relaciona-se ao papel ativo do homem, o segundo liga-se à iniciativa feminina na escolha do parceiro e na relação sexual. Constata-se que, cada vez mais, as diferenças de linguagem determinadas pelo gênero tendem a ser minimizadas pela quebra de tabus,

em virtude da influência dos meios de comunicação e em decorrência da inserção da mulher no mercado de trabalho, até mesmo na esfera da linguagem obscena.

No que diz respeito ao uso dos vocativos, nos relacionamentos amorosos, o homem chama a mulher de “querida” apenas uma vez. Em outra tira, no quarto do casal, a mulher chama o marido de “môzinhos”. Em situações de conquista, a mulher é denominada de “boneca”. Esses vocativos mostram como a linguagem, no contexto das relações amorosas, pode ser informal e afetiva. No entanto, o uso econômico desses vocativos, em um *corpus* em que 40 tiras apresentam casais como interlocutores, tem uma razão principal, que estaria relacionada ao fato de o grupo social retratado deixar suas relações amorosas fadadas à rotina. Isso diminuiria consideravelmente as expressões de afeto entre os casais. Por conseguinte, os vocativos carinhosos seriam mais empregados quando o par ainda deve ser conquistado, ou em situações em que um dos parceiros precisa evitar conflitos ou pedir algo ao outro. Já os vocativos com os nomes dos parceiros são mais comuns em 14 tiras.

O corpo está bastante presente em GF, embora as imagens dele sejam ainda mais representativas do que o elemento linguístico. A palavra “bunda” aparece 4 vezes. Os termos “boca”, “coxa”, “peito (de homem)” e “peitos (de mulher)” têm 1 registro cada. Tratamentos estéticos também são citados: escova progressiva e silicone, por exemplo. A mulher que não se encaixa nos padrões de beleza de hoje é rotulada de “canhão”.

Dialeto jovem

Os jovens usam uma linguagem própria, bastante informal, já que estão inseridos em diálogos quase sempre simétricos, em que não há relações de poder envolvidas. A diferenciação do dialeto jovem se dá, mormente, em relação ao léxico. Coloquialismos como “maneiro”, “sacar”, “amarradão” e anglicismos como *show* (usado para elogio) e os estilos de música *hip hop*, *trance* e *tech-house* fazem parte do vocabulário desse segmento.

O tratamento entre homens jovens, em 2 tiras, é feito pelo pronome “tu”, indicando proximidade e, certamente, intimidade, já que, nessas 2 vezes, ele acompanha o verbo “pegar”, usado para relacionamentos amorosos. É interessante notar que, em um dos textos, uma personagem, de início, é tratada por “você”, quando o amigo pergunta: “você é **contra** a campanha do **desarmamento**, não é Guto?”. Guto re-

truca: “**eu?! por quê?**”. Ao que escuta o comentário jocoso: “tu só pega **canhão!**”. Na primeira fala, “você” é usado para imprimir um tom de maior seriedade à pergunta, ao passo que o uso de “tu” – mais informal, juntamente com o emprego de “pega” e “canhão” - ajuda a descortinar a verdadeira intenção do falante: a de escarnecer de Guto.

Outras ocorrências linguísticas

No *corpus*, encontramos grande produtividade de determinados elementos linguísticos que são condicionados pelas relações simétricas que se estabelecem entre os interlocutores na maior parte das tiras e pelos contextos sociais informais em que se dá a interação.

O uso de imperativos típicos da fala (usados na maior parte do Brasil) é recorrente em GF, estando presente em 23 tiras. Esse imperativo tem forma igual à terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como, por exemplo, em “disfarça”, em vez de “disfarce”. Como se tratam de situações informais, em que a maior parte dos interlocutores desempenha papel de amigo/conhecido ou parceiro amoroso, a presença dos imperativos, somada a entonações que o leitor pode inferir do contexto, não está necessariamente relacionada a uma ordem direta e rude, mas normalmente denota pedidos, conselhos, sugestões e, até mesmo, encorajamentos, de maneira informal e próxima.

Outro elemento recorrente são as expressões formulaicas, definidas por Alencar (2004, p. 67) como “fórmulas que possuem seu significado dentro de um contexto situacional. (...) embora apresentem certos elementos fixos, apresentam também uma mobilidade na forma”. Em 8 tiras, há expressões que têm a palavra “que” como parte fixa, seguida de adjetivo ou substantivo, a fim de valorar determinado objeto, ideia, situação etc. como “que beleza!” e “que saco!”. Essa expressão é tão produtiva que até mesmo um pronome pôde ser agregado, como na tira em que um desfile em Milão é avaliado muito positivamente com um “que tudo!”.

É necessário citar também a presença significativa de reduções de palavras, que são típicas da fala, como, por exemplo, “pra”; “tá”; “tô” e “tava”.

Construções como “o que que eu...?” , “o que foi que...?”, “quem é que...?” e “como é que...?”, com repetição do elemento “que” ou compostas pela expressão de ênfase “é que”, também podem ser verificadas no *corpus*, em concordância com o que se percebe na fala carioca distensa.

As interjeições também são numerosas no *corpus*: “putz” (três

ocorrências); “ué” (três ocorrências); “ah” (duas ocorrências); “pô” (duas ocorrências); “uau” (duas ocorrências); “uma” (uma ocorrência); “iiiihhh” (uma ocorrência) e “ui” (uma ocorrência).

Por fim, mencionamos a presença do sufixo *-(z)inho*, que pode assumir funções que não somente a de indicar dimensão reduzida. Nomes próprios que agregam tal sufixo - como “Marcinha”, “Lurdinha” e “Rodrighinho” - sugerem afetividade/proximidade do falante em relação ao referente. Uma suposta e forçada afetividade, com vistas a tentar amenizar o desconforto de uma situação embaraçosa, está indicada em “sogrinha!”, na tira em que a parceira do rapaz confunde a mãe dele com uma amante.

Por outro lado, o mesmo sufixo pode agregar à palavra um valor depreciativo. Ao dizer “mulherzinha”, a falante desdenha daquela que contribuiu para a separação da amiga. “Mulherzinha” pode ser uma mulher sem princípios, sem pudor de “destruir” um casamento e, ainda, uma mulher sem atributos físicos que justifiquem a preferência por ela. No caso de “namoradinha”, a personagem contrasta um relacionamento de muitos anos com um romance que entende ser fugaz, sem possibilidade de durar muito tempo, especialmente pela diferença de idade.

Tirinhas *Gente fina* em sala de aula de PBE – relato de experiência

Após a análise do *corpus*, testamos o material em turmas de alunos estrangeiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Das tiras analisadas, selecionamos 2 (cf. ANEXOS A e B) para as atividades didáticas, em função da pertinência dos temas para o trabalho que estava sendo desenvolvido em sala de aula. Ficamos atentos aos aspectos socioculturais abordados, pois acreditamos que o professor deva ser cauteloso na escolha de textos, evitando temas que possam causar constrangimento para as culturas representadas em sala de aula.

Aqui apresentaremos apenas o relato de experiência com uma turma no 1º semestre do ano de 2008, sendo o grupo formado por 22 alunos iniciantes - 14 congolezes, 4 quenianos, 2 beninenses e 2 haitianos.

O material didático básico adotado no curso foi a coleção *Avenida Brasil* (1991) e as tirinhas selecionadas foram utilizadas como material complementar. A *Lição oito* desse livro - texto um - tem por tema “O trabalho”. Um dos focos da lição é comparar rotinas e fatos passados com o que acontece no presente. Para tal, é apresentada uma página que aborda a questão dos papéis femininos nas sociedades ocidentais ao longo do tempo.

Promoveu-se um debate a respeito do material presente no livro. Os alunos deveriam concordar ou discordar das afirmações apresentadas no livro didático e dar sua opinião sobre o papel da mulher, comparando a vida da mulher hoje com a vida das mulheres de algumas décadas atrás.

Em seguida, trabalhamos com uma tirinha (cf. ANEXO A) de temática relacionada àquela abordada pela lição mencionada. Antes do trabalho propriamente dito, contextualizamos a tirinha: autor, veículo, data e local de publicação etc.

Começamos pelo título e sua polissemia, mostrando que “gente fina” equivale a “gente boa”, “legal”, “simpática”. Também pode ser gente bem-educada e endinheirada, que sabe se portar socialmente. Em uma correspondência entre palavra e imagem, finas são as personagens criadas pelo traço do autor. Como o próprio Drummond (2007, p. 8) afirma, a série tem “um desenho limpo, elegante, sintético, onde a linha é o principal elemento gráfico”.

Explorando o elemento visual, os alunos foram orientados para a observação das personagens, do que faziam, do espaço em que se inscreviam, de sua caracterização e do uso de cores³, aspectos relevantes para a construção do sentido na leitura.

A diferença de idade entre as personagens foi logo percebida, com base nas imagens. A personagem mais jovem usa *top* e *legging* como roupa de ginástica, evidenciando os seios e mostrando o abdome definido. Tatuagens e *piercings*, também, compõem o visual dessa personagem. O cabelo loiro, provavelmente tingido, remete à prática comum entre mulheres no Rio de Janeiro de pintá-lo com esta cor e, assim, alterar seu *status* social e afetivo, uma vez que o cabelo loiro é considerado um capital perante a sociedade. A outra personagem, por sua vez, está vestida de forma mais composta, sem expor o abdome, e usa brincos discretos. O cabelo é preto e as unhas dos pés estão pintadas de vermelho. Note-se, ainda, a importância que se dá à atividade física para modelar o corpo, que funciona como capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual (Goldenberg, 2007).

Em relação à linguagem verbal, percebeu-se a diferença de gerações (e de comportamento) marcada linguisticamente por “hoje em dia” e verbo no presente em oposição à “no meu tempo” e verbo no imperfeito. Mencionou-se, inclusive, o uso bastante generalizado de

³ Em sala, a turma teve acesso às tiras “originais” publicadas na revista *O GLOBO* (com recurso esporádico à cor) e não às da coletânea (em preto e branco).

“a gente” na fala carioca (como ocorre na tira), substituindo o “nós”, e a presença do vocativo “querida”, que tanto pode indicar afetividade quanto ironia ou impaciência. Alguns alunos perguntaram o que significava “ficar noiva”.

A turma rapidamente depreendeu como se construiu o humor na tira e como o comportamento feminino jovem representado pelo autor não era especificamente brasileiro ou carioca, reconhecendo que a efemeridade das relações amorosas é um fenômeno da contemporaneidade observável em muitos países e culturas.

Por fim, cada aluno deveria observar uma diferença (seja política, social, econômica etc.) no mundo ao longo do tempo, escrevê-la seguindo a fórmula “Hoje em dia..., mas antigamente...” e comentá-la com toda a turma. Vejamos dois exemplos: 1º. *Hoje em dia as mulheres trabalham mesmo na política, mas antigamente elas trabalhavam só na casa.* 2º. *Hoje em dia, as crianças conversam com os pais sobre tudo, mas antigamente não podiam conversar sobre tudo.*

Três aulas depois trabalhamos com uma outra tirinha (cf. ANEXO B), que igualmente abordava diferenças entre gerações. Além de possibilitar a retomada do tema, ela permitiria introduzir um outro tópico - a família -, que era o foco da lição a ser estudada em seguida. Essa lição apresentava, entre outros pontos, a expressão de hipóteses com o futuro do pretérito, o que também se verificava na tirinha.

Começamos descrevendo as imagens: quem eram as personagens, o que faziam, como estavam caracterizadas, quem falava etc. e retomamos a observação de aspectos visuais de GF, como contexto espacial e cores.

Logo em seguida, passamos para o elemento verbal, chamando a atenção para os anglicismos *hip hop*, *trance* e *tech-house*, o uso anafórico do pronome “isso” e a presença de “pra” com vistas a aproximar a modalidade escrita da oral, embora na última fala esteja escrito “para os meus pais”. Aqui notamos uma “tensão” entre as duas modalidades: por mais que o autor queira se aproximar da fala, o que, de fato, faz muito bem, em alguns momentos, a adesão quase automática aos padrões da escrita fica evidente. Vale destacar que alguns aprendizes tiveram dúvidas quanto ao significado de “paraíso” e “inferno”.

Indagamos qual seria o ponto em comum entre essa tira e a anterior, e dois alunos conseguiram verificar a semelhança temática. Os demais concordaram com eles.

Em seguida, trabalhou-se, também, a expressão de hipóteses com o futuro do pretérito, cujo emprego e formação foram mostrados

a partir da tira. Em uma atividade oral, os alunos deveriam dizer o que seria o paraíso para eles e o inferno para os pais. Foram citados alguns contrastes entre gerações relacionados à autonomia, liberdade, visão de mundo, preferências musicais etc., mas, de modo geral, preferiram dizer o que seria o paraíso para eles mesmos, deslocando a questão para suas preferências pessoais.

Acreditamos que o uso das tirinhas de GF em atividades de leitura para alunos estrangeiros em imersão no Rio de Janeiro foi bastante produtivo, permitindo um trabalho integrado com o material didático de base. Embora qualquer livro para ensino de língua estrangeira acabe por ficar, em algum aspecto, datado, o uso de material autêntico complementar, que conjuga palavra e imagem, motiva o aprendizado dos alunos, trazendo mais vivacidade e atualidade para as aulas.

Conclusões

Este estudo teve por objetivo analisar tirinhas GF, fazendo breve prospecção de aspectos socioculturais e linguísticos, bem como apresentar relato de atividades com base em tiras dessa série em turma de aprendizes PBE em imersão no Rio de Janeiro.

Quanto aos elementos socioculturais, GF retrata predominantemente a classe média e média-alta carioca, jovem, urbana, com alto nível de escolaridade, que se enquadra no que Almeida (2007) chama de “Brasil moderno”.

Além do contexto local, o global também é representado, uma vez que, sendo uma metrópole ocidental contemporânea, o Rio de Janeiro guarda muitas semelhanças em relação a outras grandes cidades, como, por exemplo, a fluidez das identidades e o afrouxamento dos laços entre o indivíduo e as instituições.

Destacam-se em GF os temas variados do relacionamento amoroso, tais como conquistas, conflitos entre casais e traições. Os interlocutores representados desempenham, principalmente, os papéis sociais de amigos/conhecidos ou parceiros amorosos.

Privilegia-se, nas tirinhas, a representação do espaço público, com o predomínio de locais como bares, cafés e restaurantes, seguidos de praia e lugares para atividades físicas. Nesses últimos, fica evidente o destaque dado, em nossa cultura, à exibição e à modelagem do corpo.

Em relação aos elementos linguísticos, observamos a presença significativa de vocabulário associado a relações amorosas, sexo e corpo, muitas vezes, de forma vulgar. Em GF, verifica-se que as diferenças entre os dialetos masculino e feminino, marcadas especialmente nos

domínios da linguagem obscena, tendem a ser atenuadas com os novos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres na sociedade. Os vocativos carinhosos entre casais são pouco frequentes, ocorrendo apenas quando um dos parceiros deseja conseguir algo do outro ou precisa evitar conflitos.

Nota-se, ainda, a presença de um dialeto jovem, marcado especialmente na esfera lexical por gírias, anglicismos e tratamentos informais. Há também produtividade considerável de imperativos típicos da fala carioca, expressões formulaicas, reduções, interjeições e diminutivos, além de perguntas com a construção “é que”.

A linguagem de GF é predominantemente urbana, jovem, de falantes de alta escolaridade, situando-se os interlocutores em situações comunicativas simétricas e informais.

Consideramos, por fim, que as tirinhas GF, se escolhidas adequadamente em relação ao público e aos propósitos da aula, podem propiciar um trabalho profícuo com aprendizes de PBE, de forma que os elementos visuais, socioculturais e linguísticos possam ser explorados de forma leve e bem-humorada.

Aprendizes de PBE jovens, em imersão no Rio de Janeiro, podem ter, com o acesso às tiras selecionadas pelo professor, a oportunidade de confrontar as personagens, os contextos em que se inscrevem e os papéis sociais que desempenham com aqueles relacionados à sua experiência de vida no Rio de Janeiro. Além disso, a variedade de língua produzida em GF é bastante próxima à que eles podem ouvir em interações informais nas quais eles mesmos podem estar inseridos. A comparação dos aspectos socioculturais configurados nas tiras àqueles da própria cultura do aluno, também, pode ser uma tarefa interessante para a constatação de semelhanças e diferenças entre culturas.

A escolha da série GF em outros contextos de ensino, como, por exemplo, em regiões afastadas dos centros urbanos e para aprendizes de faixa etária mais elevada, pode se justificar pela necessidade de contraste do contexto nela representado com outras realidades, em um exercício de (re) conhecimento da pluralidade sociocultural e linguística no Brasil.

Anexo A



Anexo B

Gente fina # Por Bruno Desarmado



Referências bibliográficas

ALENCAR, Ricardo B. Expressões formulaicas: algumas considerações entre o português do Brasil e o inglês dos EUA. In: MEYER, R.M.B. (Org.). *Revista Palavra*, n.13, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004. p. 64-78.

ALMEIDA, Alberto C. *A cabeça do brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 277p.

ALMEIDA FILHO, José C. P. de. Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In: CUNHA, M.J.C.; SANTOS, P. (Org.). *Tópicos em Português Língua Estrangeira*. Brasília: Ed. UnB, 2002. p. 209-215.

DICIONÁRIO Houaiss on-line. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/dicionarios/>. Acesso em 7 dez. 2008.

DEL PRIORE, Mary L. M. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 282-327.

DRUMMOND, Bruno. *Gente Fina*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. 120p.

GARCEZ, Pedro M. Cultura invisível e variação cultural na fala-em-interação social: o que os educadores da linguagem têm a ver com isso. In: INDURSKY, F. et al. (Org.). *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra-Luzatto, 2000. p. 495-516.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 7-98.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2007. p. 17-31; 115-128.

JÚDICE, Norimar. Seleção e abordagem de fotografias, cartuns e quadrinhos no ensino da língua e da cultura do Brasil para estrangeiros. In: _____. *Ensino da Língua e da Cultura do Brasil para Estrangeiros*. Niterói: Intertexto, 2005. p. 31-52.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 17-28.

LIMA, Emma E. et al. *Avenida Brasil. Curso Básico Português para Estrangeiros*. São Paulo: EPU, 1991. vol. 1.

MAXIMO PEREIRA, Milena. *Tirinhas Gente Fina: uma análise discursivo-semiótica para abordagem no ensino de Português do Brasil para Estrangeiros*

(PBE). 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2009.

MEYER, Rosa Marina B. Cultura brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (Org.). *Tópicos em Português Língua Estrangeira*. Brasília: Ed. UnB, 2002. p. 201-207.

MEYER, Rosa Marina B. Should I call you a senhora, você or tu? – Dificuldades interacionais de falantes de inglês aprendizes do Português do Brasil. In: _____ (Org.). *Revista Palavra*, n. 13, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004. p. 79-87.

PRETTI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Nacional, 1982. p.1-41.

RODRIGO, Miquel. *La comunicación intercultural*. Portal de la Comunicación. Institut de la Comunicación (InCom-UAB), Barcelona, 2000. Disponível em: <http://www.portalcomunicacion.com/esp/pdf/aab_lec/1.pdf>. Acesso em 08 dez. 2008.

Resumo

O presente estudo tem por objetivo realizar uma análise de 99 tirinhas da série *Gente Fina*, de Bruno Drummond, publicadas entre 2004 e 2006, fazendo uma prospecção de aspectos socioculturais e linguísticos em foco no *corpus*, e apresentar um relato de trabalho realizado com alguns desses textos em uma turma de aprendizes de Português do Brasil para Estrangeiros (PBE) em imersão no Rio de Janeiro, verificando sua aplicabilidade no desenvolvimento de atividades de leitura.

Palavras-chave: tirinha; cultura; Português do Brasil para Estrangeiros (PBE).

Abstract

The aims of this study are to make an analysis of 99 comic strips of the series *Gente Fina*, by Bruno Drummond, published from 2004 to 2006, focusing on the sociocultural and linguistic features in the *corpus*, and to present an account of activities motivated by some of these texts in Brazilian Portuguese for Foreigners (BPF) immersion classes in Rio de Janeiro, assessing their applicability to the development of reading tasks.

Keywords: comic strips; culture; Brazilian Portuguese for Foreigners (BPF).